

ENTRE A ESPERANÇA E A INCERTEZA: GRITAMOS POR UM BRASIL POPULAR, PLURAL E DEMOCRÁTICO - SEM FOME, SEM ÓDIO E COM JUSTIÇA! ¹

“Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão”!

Lc 19:4

Estamos inseridos em um mundo assolado por um turbilhão de múltiplas crises. Com efeito, o debate público contemporâneo atravessa uma encruzilhada turbulenta que lança sobre as instituições democráticas uma forte onda de desprezo e desconfiança. A arena política surge como espaço privilegiado de confronto aberto que intensifica os radicalismos e opiniões agudas. A crise econômica se prolonga acirrando pobreza e precariedade de trabalho; a constante ameaça de guerras atroz como forma de lidar com conflitos; as inúmeras violações aos direitos humanos; a repugnância das pessoas com o cinismo político; o colapso econômico e social global. Além disso, nos últimos anos, tivemos a ascensão da extrema direita e o retorno da brutalidade por meio do Estado em boa parte do mundo. Evocando fantasmas do passado, volta-se a falar de totalitarismo e fascismo.

Observadores atentos de diversos matizes concordam sobre a gravidade da situação atual do Brasil. A profundidade do dano político e socioeconômico desvia o país da rota do progresso com liberdade, dignidade e justiça social traçada a duras penas pela Constituição Federal de 1988. No ano de 2020, o mito ocidental cuja sina é tornar os seres humanos “senhores da Natureza” desmoronou diante de um minúsculo vírus: são milhares de vidas subtraídas, desempregadas, desenraizadas em decorrência de um cataclismo mundial cujo saldo é tenebroso e alarmante. O pós-coronavírus é tão preocupante quanto a própria crise decorrente do que experimentamos nos últimos anos e, no Brasil, as ações e omissões do governo, suas

¹ Carta escrita por Carlos Humberto Campos, Laura Martins, Nerissa Farret, Luise Villares, Marcírio Lemos e Wellthon Leal, com edição e revisão de Paula Lanza.

narrativas irresponsáveis compõem a crônica desse mar revolto em que nos encontramos.

Desemprego e inflação minam a alimentação dos brasileiros e brasileiras. A economia naufraga. Voltamos ao mapa da fome. Dados recentes do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 apontam que, em 2022, são mais de 33 milhões de brasileiros e brasileiras sem ter o que comer e mais de 125 milhões que não têm comida garantida todos os dias, isto é, enfrentam cotidianamente dificuldades para se alimentar e também, às suas famílias.

Soma-se a essa situação o desmonte da máquina pública. A gestão do atual Presidente da República agride o ambiente e as regras democráticas estabelecidas, escolhe virar as costas para a situação em que se encontram milhares de cidadãos brasileiros. O desemprego no Brasil também cresceu e o número de pessoas que voltaram para a informalidade nunca foi tão grande. Os dados apresentados por inúmeras instituições de pesquisa são um triste reflexo da maneira como nosso país tem sido conduzido.

Descaso com as políticas públicas para os mais vulneráveis, uma pandemia mal gerida pelo Governo Federal, na qual a desinformação, a falta de transparência e a insensibilidade com as mais de 600 mil vidas perdidas demonstram a realidade de um cenário local e global já fragilizado. Não bastando a volta da fome, da insegurança, da inflação e do desemprego em massa, os povos indígenas, as comunidades quilombolas e comunidades tradicionais também observaram retrocessos por parte da atual gestão.

Nos momentos críticos que antecedem as eleições de 2022 é preciso uma tomada de posição em defesa da democracia, da ética, da solidariedade e da liberdade, valores inegociáveis em um mundo em metamorfose. Nessa esteira, prevalece a lição de Edgar Morin: *“esperança não é certeza, traz a consciência dos perigos e das ameaças, mas nos faz tomar partido e fazer apostas”*. Mudar é preciso, e já.

O momento é de abraçar a pluralidade das identidades sociais e culturais do nosso povo. Além do que, a democracia brasileira precisa fazer correções de rumo e combater os velhos inimigos da mudança: o clientelismo, o corporativismo, o

aparelhamento da máquina pública para servir aos interesses eleitorais e o fundamentalismo de mercado. A tarefa é árdua e não existe um grande plano salvador. Em sociedades complexas, as coisas não mudam em um passe de mágica.

Acordos e esforços comuns no enfrentamento ao governo Bolsonaro devem ser sedimentados no curto caminho que nos leva a outubro. Nesse exacerbado clima de palanques, vozes sensatas e novos atores sociais precisam insistir na importância de se lançar um olhar objetivo para 2022 adiante – um olhar com ênfase nos traumáticos problemas que este governo deixará.

No ano em que o Brasil celebra o bicentenário da Independência, questionamos: Independência para quem? É preciso rememorar o dia 7 de setembro com consciência cívica crítica, e isso inclui almejar uma independência plural, com protagonismo das mulheres, das juventudes, das comunidades negras, pobres, indígenas, da comunidade LGBTQIAPN+, dentre outros grupos desfavorecidos. O sonho da independência deve ser trilhado na construção de um país livre da exploração; da tirania; da escravidão e da tortura; da discriminação dos povos originários e dos que foram trazidos escravizados; da censura; da desigualdade; da fome e da miséria; da ignorância e da violência; isto é, desenvolver um país livre para traçar os rumos de uma sociedade igualitária.

Ser independente pressupõe alcançar a liberdade para, como estabelece o preâmbulo da nossa Constituição, construir *“um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social”*.

Todos os holofotes se viram agora para os tradicionais desfiles oficiais. Aqui, lançamos algumas indagações: além das vanglórias e bravatas, que discurso virá daquele que representa o maior descalabro político, instaurador do caos, incendiador contumaz? Qual deve ser o mote e o conteúdo das mensagens para os atos que estão sendo organizados para o 7 de setembro? Que menção política será essa que, como no período colonial, aposta na exploração predatória dos recursos naturais, no garimpo, no desmatamento, na invasão de terras indígenas, na destruição da Amazônia, no emprego desenfreado de agrotóxicos e na destruição do meio

ambiente? Que discurso será proferido no país que a economia apresenta uma das mais desiguais distribuições de renda do mundo e que tem mais de 12 milhões de desempregados e quase 5 milhões de pessoas que desistiram de procurar emprego devido à falta de perspectivas de encontrar vaga; que conta com mais de 40% de trabalhadores informais de acordo com o IBGE no primeiro trimestre de 2022?

Na comemoração de uma pseudo independência, cidadãos não dispõem de garantias básicas. Apesar de o Brasil ser um dos maiores exportadores de alimentos do mundo, o que vemos são inúmeras pessoas em situação de insegurança alimentar, em situação de rua, onda de retirantes expulsos de suas casas pela seca e inundações, migrantes procurando refúgio e as políticas sociais sendo postas em cheque pelos fracassos das políticas neoliberais. Neste momento deveríamos festejar a nossa independência, mas ela nunca esteve tão comprometida e ameaçada.

A Caritas Brasileira, sempre presente na luta e caminhada do povo, por direitos, justiça e cidadania, fiel aos valores do evangelho de Jesus Cristo, marca presença na vigésima oitava edição nacional do Grito dos/as Excluídos/as, cujo lema é "Brasil: 200 anos de (in)dependência para quem?". O momento demarca tarefas urgentes e inadiáveis para o processo de construção do Brasil Popular, em que a vida de todas as pessoas e da natureza esteja em primeiro lugar. Com fé e convicção.

Ademais, convocamos a sábia lição do Bispo Dom Antônio Fragoso: *"A independência não se constrói de uma vez por todas, ela é um processo permanente, para o qual todos os cidadãos brasileiros têm o direito e o dever de trabalhar. É livre a pátria quando todo o povo tiver uma vida humana, usar os seus direitos, participar ativamente nas decisões nacionais, escolher seus dirigentes. É livre a pátria quando o povo é agente do desenvolvimento, quando as riquezas nacionais chegam a todos"*.

Vivemos um momento no qual precisamos compreender e nos contrapor à atual ameaça aos avanços conquistados pela sociedade brasileira que sempre esteve em luta nesses 200 anos. Conclamamos a rede Caritas, a refletir a verdadeira liberdade e os passos que podemos dar ao contribuir na melhoria da qualidade de vida dos brasileiros e brasileiras. O sonho não acabou, a vida continua com seus desafios e dificuldades, mas nossa fé e esperança continuam no Deus libertador, de amor, de paz e felicidade plena para todos e todas.



Somos mensageiros e testemunhas de uma luta profética pela sociedade do bem viver. Continuamos, então, essa luta para que o povo brasileiro no bicentenário da Independência possa, de cabeça erguida, superar a penúria que lhes foi e continua sendo imposta, e para que o bem viver de todos e todas não desapareça do horizonte da sociedade, das Igrejas e da Cáritas Brasileira.

Brasília/DF, 07 de setembro de 2022
Bicentenário da Independência do Brasil

Carlos Humberto Campos
Diretor Executivo Nacional
Cáritas Brasileira